



Jornal Notícias

24-09-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 110603

Temática: Sociedade

Dimensão: 1626

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/2/3

CADEIAS A ABRROTAR COM 1500 RECLUSOS A MAIS //P.2 A 5

TRES NOVOS PRESOS TODOS OS DIAS

**CRISE
AUMENTA
EM 20%
POPULACAO
PRISIONAL**

● **Organização** de Reclusos Anónimos inicia hoje semana de greve de fome e consumo excessivo de água e eletricidade

● **Sobrelocação**, incumprimento da lei pelos tribunais e alimentação dão força a protestos dos reclusos que se iniciam hoje ● **Desde Janeiro** há três novos presos todos os dias

“CADEIAS SOBRELOTADAS SÃO UM BARRIL DE PÓLVORA”

Nelson Morais*

O grupo dos “Reclusos Anónimos Organizados” marcou uma greve de fome para hoje. Independentemente do nível de adesão ou da justeza do protesto, é mais um sinal da alta tensão que se vive nas prisões.

Em cadeias quase todas sobrelotadas, os reclusos acusam os tribunais de apreciarem os pedidos de liberdade condicional fora dos prazos legais, contestam a alimentação, a saúde, o regulamento disciplinar, os guardas.

Da insatisfação geral surgiu o manifesto de um grupo denominado “Reclusos Anónimos Organizados”, que, além da greve de fome, apela à greve ao trabalho, até dia 30, e ao consumo excessivo de água e electricidade, para “multiplicar a despesa que cada recluso dá ao Estado, tornando crítica e insuportável a manutenção de 14 mil reclusos em prisões sem quaisquer condições”.

Os guardas prisionais ouvidos pelo JN mostram-se cétricos quanto à adesão aos protestos (o diretor-geral dos Serviços Prisionais, Rui Sá Gomes, preferiu o silêncio), mas, ontem, surgiram informações apontando para um número significativo de aderentes nas cadeias de Paços de Ferreira, CUSTÓIAS e LISBOA.

“Sente-se no ar o ódio”

“As prisões, neste momento, são um barril de pólvora”, avisa um guarda prisional, numa expressão repetida por outras fontes. Há um crescendo da tensão, sobretudo, desde há cerca de um ano e por causa da sobrelocação. “Sente-se no ar o ódio, a revolta e a descon-fiança”, descreve um recluso.

As cadeias parecem espelhar o que se passa fora delas. A população prisional cresce de forma significativa desde 2009, quando se agudizou a crise económica e financeira do país (há quem antes justifique aquele crescimento com reforma penal de 2008).

O presidente do Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional, Jorge Alves, evita paralelismos entre a revolta dos reclusos nas cadeias e os protestos nas ruas. Só abre exceção quando afirma a dificuldade de avaliar o risco de explosões de violência. “Que há tensão, há; se amanhã a casa vai rebentar, não sei”, abstém-se.

Já o bastonário dos Advogados, Marinho e Pinto, desconfia que, “qualquer dia, vai haver erupções de violência nas prisões”. As cartas que recebe de reclusos, diz, “lembram os piores tempos da Idade Média: má alimentação, violência, perda de direitos, falta de medicamentos, inimputáveis a cumprir pena como se fossem imputáveis, reclusos paralisados por medicamentos, enfermeiros que fazem de médicos”.

Cá fora, sabe-se ainda do aumento dos suicídios, de desordens mais graves. Mas são os guardas prisionais quem melhor sente o pulsar das cadeias. E os seus relatos também remetem para uma revolta crescente, com constantes provocações à sua autoridade. Como



LEONEL CASTRO/GLOBAL IMAGES

Desde 2009 (início da crise económica) população prisional aumentou 22,1% (de 11099 para os atuais 13555 presos)

aconteceu há dias, na cadeia do Linho, quando um recluso atirou um saco de fezes para cima de um guarda.

Mas o caldo é muito mais complexo. Jerónimo Campos, do Porto, que é “visitador” de reclusos há 30 anos, frisa que os guardas estão também revoltados, com a austeridade e a falta de resposta a reivindicações antigas, e que isso é fonte de conflitualidade. “Há uma zaragata entre seis reclusos, e os guardas já não estão para se meter”, diz, explicando que esse consentimento da violência, estimula as guerras entre grupos de presos rivais, relacionados, amiúde, com negócios ilícitos.

“É preciso que o Governo atente rapidamente ao que se passa”, avisa o líder sindical dos juizes, Mouraz Lopes.

* COM ANTÓNIO SOARES

//REAÇÕES



“Precisamos de cadeias novas para separar os reclusos por idades, tipos de crime e penas”.

Jorge Alves
Presidente do Sindicato da Guarda Prisional

“Nunca houve uma política de saúde no sistema prisional, mas, agora, está pior. Sobretudo, na saúde mental”.

António Marinho e Pinto
Bastonário da Ordem dos Advogados

“Há que ver se a sobrelocação das cadeias resulta da reforma penal de 2008”.

José Mouraz Lopes
Presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses

ESTADO PAGA

40

euros por dia custará cada preso ao Estado (14 600 euros/ano).



Há cada vez mais gangues e presos mais jovens

“Agora, só há chavalada nas cadeias, jovens até aos 30 anos”

“Antigamente, eles tinham vergonha de estar presos; agora, é só ‘chavalada’”, compara um visitante de reclusos de três cadeias da zona do Porto há 30 anos, Jerónimo Campos, sobre a evolução das idades e da postura da população prisional.

A percepção do líder sindical dos guardas prisionais, Jorge Alves, não anda muito longe daquela: “A maioria dos reclusos andava pelos 40 e tal anos, hoje está na casa dos 30. E há cada vez mais gangues”, afirma.

As estatísticas da Direção-Geral dos Serviços Prisionais, relativas a 31 de dezembro de 2011, não avaliam o caráter nem a organização dos reclusos nas prisões, mas confirmam que a maioria, 51% dos então 12681 encarcerados, pertence ao grupo etário que vai dos 25 aos 39 anos. Seguem-se os quarentões, mas o grupo dos 19-24 anos já representa 12% da população prisional.

Na distribuição por tipo de crime, levam vantagem os autores de ilícitos contra o património, na sua maioria furtos e roubos, com 22%. Os tipos mais significativos que se seguem são os crimes contra as pessoas (homicídios, agressões, violações), com 20%, e os crimes de tráfico de estupefacientes, com 16%.

A maioria dos que estavam presos em 31 de dezembro do ano passado eram homens (94%), de nacionalidade portuguesa (80%). N.M.

PRISÕES // RADIOGRAFIA EM PORTUGAL

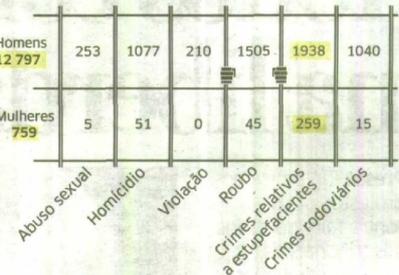
Evolução da população reclusa



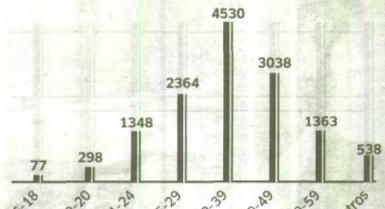
Nacionalidade e sexo



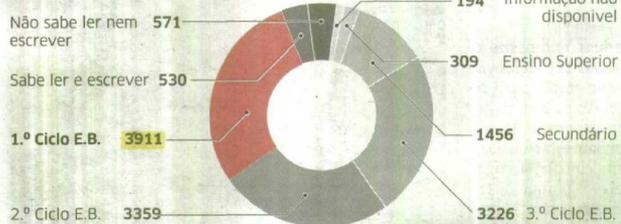
Condenação segundo os crimes



Estrutura etária



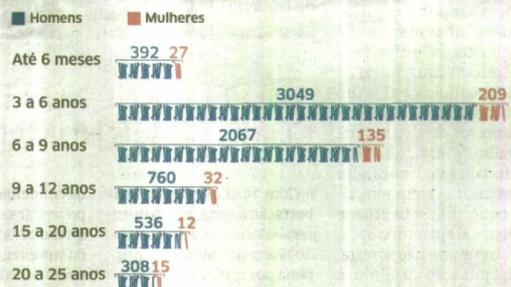
Habilidades literárias



População prisional*



Algumas condenação segundo as penas



FONTE: DIREÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PRISIONAIS // INFOGRAFIA JN

*155 são inmutáveis

Entram três novos presos/dia nas cadeias a abarrotar

SOBRELOTAÇÃO

A MAIORIA dos estabelecimentos prisionais (EP) está sobrelotada, devido ao grande crescimento da população prisional nos últimos três anos. Entre 31 de dezembro de 2009 e 15 de setembro deste ano, aumentou 22,1% (de 11 099 para 13 556), com mais 514 reclusos em 2010, mais 1068 em 2011 e mais 875 este ano (em média há 3,26 presos a entrar por dia nas cadeias).

Em 2011, a lotação de 30 dos 49 EP fora ultrapassada, mas, agora, muitos mais estarão sobrelotados. O JN quis saber quantos, mas a Direção-Geral dos Serviços Prisionais não respondeu. O que o site desta revela é que no passado dia 15 a taxa de ocupação das prisões era de 111%.

“Se há coisas que não podemos admitir, a sobrelotação é uma delas. Isto é grave”, comenta o líder sindical dos juizes, Mouraz Lopes. Os governos de José Só-

crates projetaram novas cadeias, mas a situação financeira levou o atual a optar por obras em prisões existentes que, segundo a ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz, hão de criar mais dois mil lugares.

A regra de um recluso por cela, fixada na lei, é desrespeitada em muitas cadeias. Há celas com quatro reclusos e camaratas com mais de meia dúzia, numa coabitação geradora de conflitos. “Quanto mais reduzido é o espaço de cada um, maior é a

tensão”, diz o líder sindical dos guardas prisionais, Jorge Alves.

De resto, a sobrelotação é mais problemática devido à redução dos guardas prisionais. Em 2008, eram 4340 para 10 807 reclusos, num rácio de um guarda por 2,5

reclusos. Em 2011, o rácio já era de um guarda para 2,9 reclusos (4309 para 12 681). Mas como está em causa a vida interna dos EP, há que subtrair 180 afetos aos serviços centrais e outros colocados em organismos como a ASAE, mas, também, ter em conta a divisão dos guardas por três turnos. Atendendo ainda à soma de mais 875 reclusos este ano, conclui-se que as prisões estão a funcionar com um guarda por mais de dez reclusos. N.M.

NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS O NÚMERO DE RECLUSOS AUMENTOU 22,1%